

Foi o primeiro Provedor do Ouvinte da rádio pública portuguesa. Depois do primeiro mandato, José Nuno Martins não foi convidado para continuar. Sobre a anterior administração da RTP diz não guardar as melhores recordações e não tem dúvidas que a entrada dos actuais gestores marcou um ponto de viragem. Considera que a Antena 3 está a perder justificação a cada dia que passa e que a Antena 2 precisa de novos conceitos. Diz que a Antena Aberta é um caos e confessa que o mais difícil foi ter de avaliar o trabalho de colegas de profissão. Ainda assim, refere que a rádio de serviço público tem mais qualidade que a concorrência.

## José Nuno Martins à JJ

# «A qualidade média da RDP é superior à das rádios privadas»

Texto **Luís Bonixe**

**JJ - Porque é que não cumpriu um segundo mandato como Provedor do Ouvinte?**

JNM - Em primeiro lugar porque não fui convidado para isso. Mas a montante dessa condição, que tinha que ser cumprida pelo Conselho de Administração, eu declarei logo perante o Conselho de Administração que viria aqui cumprir apenas um mandato. Foi minha intenção desde o início, partindo do pressuposto de que não sabia se estaria preparado para exercer a função. Desde o início foi sempre essa a minha proposta. Coincidentemente, também com muito *fair-play* e muita correcção de atitude, o senhor presidente do Conselho de Administração fez-me saber que, muito bem, aceitava a minha decisão de não continuar, mas que também não seria consensual no seio da Administração que eu viesse a ser convidado para um segundo mandato.

**JJ - Houve aqui uma espécie de mútuo acordo. Mas como interpreta o facto da Administração não querer a sua continuidade?**

JNM - Não dou relevância a isso. Faz sentido. Não sei se eu na posição da Administração não teria feito o mesmo

raciocínio. Não tenho a certeza que a decisão tenha partido do senhor presidente. Ele comunicou-me, mas não atribuo a isso outra coisa que não seja a vontade de criar mais sedimento à própria função de provedor. Aqui a pessoa não é o mais importante. Da mesma forma que acho perfeitamente natural que a figura do dr<sup>o</sup> Paquete de Oliveira, que é referencial na análise da comunicação em Portugal, tenha decidido ficar, ele próprio, e, por outro lado, tenha sido convidado a manter-se. No meu caso, um dos dois pressupostos essenciais não se verificou o que eu acho completamente natural e corresponde àquilo que tenho como entendimento acerca desta função. Isto não são lugares eternos e, pela minha parte, em relação à rádio, onde há muito pouca reflexão, acho que tem que ser por sucessivas tentativas de abordagem que se sedimentam as funções.

**JJ - A relação com a anterior administração da RTP nem sempre foi pacífica, como refere no relatório final. Porquê?**

JNM - Ela foi pacífica e muito correcta no plano, digamos, da logística. Considero útil que entre um Provedor do Ouvinte a viver na empresa RTP e a Administração



dessa empresa haja contactos com carácter regular e, de alguma maneira, frequentes. Muitas vezes sugeri que essa periodicidade de encontros fosse mantida. Porquê? Porque há informações mútuas. Por um lado antecipar e por outro debater num plano que é distanciado do quotidiano da rádio que é o plano no qual um provedor labora. Eu acho que o encontro com a Administração eleva o discurso antecipando questões.

Dou-lhe um exemplo. Se o Provedor tivesse sido informado que o edifício estava de banda e que precisava de uma intervenção no plano da construção civil, aquele gravíssimo caso das marteladas e das brocas durante mais de um mês a entrarem espuriamente nas emissões de rádio ter-se-ia evitado. Ter-se-ia evitado que eu tivesse a obrigação deontológica de chegar onde cheguei na defesa dos meus colegas e na defesa dos meus ouvintes. Houve uma completa posição de arrogância, ao contrário de haver uma informação serena ou uma pré-informação: 'temos que fazer uma intervenção urgente, isto pode criar problemas?'. Eu próprio os teria ajudado a resolver esses problemas, porque bastava que se tivesse mudado as características dos microfones do estúdio para que o problema ficasse resolvido. Depois dos primeiros ruídos exógenos eu pedi informações que ninguém deu. Ninguém me soube dar informações. Ninguém me quis dar informações. Eu percebi que havia aí um bloqueio. 28 dias depois da minha primeira iniciativa tomei a decisão, já que nem a própria

*“Havia um clima de terror nesta empresa quando eu aqui cheguei e como profissional eu tive essa percepção muito nítida e muito clara durante o tempo que aqui estive, nomeadamente em relação às funções que aqui estava a desempenhar, sendo certo que no plano das intenções sempre foram as melhores.”*

*“Não tenho nada a ideia que seja um proscrito pelos meus colegas de profissão. De maneira nenhuma. Há duas ou três pessoas que não ficaram agradadas pelo facto de eu ter vindo aqui descobrir algumas carecas.”*

FOTOS: LUÍS BONIXE



Administração me respondia, de escrever o que escrevi e de emitir o que emiti. Isto teria sido evitado.

A partir do dia 15 de Maio de 2007, que foi a última vez que me encontrei com o presidente, numa reunião muito tensa, deixaram pura e simplesmente de existir referências, ao ponto de o presidente nem sequer se ter despedido de nenhum dos colaboradores quando se foi embora desta casa.

**JJ - Portanto foi sempre uma relação ...**

JNM - Com o presidente foi quase sempre inexistente. Ele era um homem muito pouco sensível às questões do que é trabalhar numa casa de cultura, de informação, de rigor e de fantasia, como é a rádio.

**JJ - E as coisas mudaram com a nova administração?**

JNM - Radicalmente, do meu ponto de vista. Tive quatro reuniões [até ao momento da realização desta entrevista] com elementos do Conselho de Administração, mas o simples modo relacional entre as pessoas, entre os profissionais que eles são e o profissional que eu sou, é completamente diferente. Os profissionais de rádio, como outros quaisquer, na minha opinião, sejam eles jornalistas, programadores, artistas, criadores, operadores, técnicos, têm que ter um clima relacional que subjaz ao seu trabalho, enfim, tem que ser no mínimo um clima de paz. Isso não existia. Havia um clima de terror nesta empresa quando eu aqui cheguei e como profissional eu tive essa percepção muito nítida e muito clara durante o tempo que aqui

estive, nomeadamente em relação às funções que estava a desempenhar, sendo certo que no plano das intenções sempre foram as melhores.

**JJ - Um dos seus maiores receios para aceitar este cargo era o de poder perder amigos. Perdeu alguns amigos?**

JNM - Perdi um amigo.

**JJ - Por causa da sua função?**

JNM - Sim

**JJ - Teve a ver com posições que assumiu?**

JNM - Sim. Quer dizer, eu acho que não está no facto de eu assumir posições, mas sim pelo facto da outra pessoa ter assumido as posições dela. Está no facto da tentativa do condicionamento que foi feito à acção do Provedor na pessoa do José Nuno Martins. E esse condicionamento é a tentativa de exercer censura sobre aquilo que eu afirmei, aliás fundamentado nas evidências mais claras e mais sustentadas. Foi logo antes do segundo programa ir para o ar. Foram situações de uma extrema gravidade que só a minha extrema tolerância impediu que logo ali não se tivesse levantado um caso.

**JJ - Mas porque é acha que estas situações aconteceram?**

JNM - Por falta de segurança das pessoas que foram visadas nas críticas dos ouvintes e nas críticas do provedor.

**JJ - Não compreendem a função de um provedor?**

JNM - Não. Nem do provedor nem do próprio comunicador. Isto não é uma via única e unilateral que parte de um pólo para outro sem que haja ali uma interactividade.



As pessoas, porque estão pouco seguras das suas ideias e dos seus conceitos, reagem mal.

Um dos jornalistas que foi reiteradamente visado pelas críticas dos ouvintes com as interpretações que punha em cena permitiu-se pôr-me em causa, e estava no seu direito de o fazer. Eu é que não aceito de bom grado isso. A própria idoneidade do provedor do ouvinte, quando ela resistiu primeiro à indigitação e depois ao Conselho de Opinião, com tantas sensibilidades lá dentro e depois ao próprio escrutínio dos deputados da Assembleia da República. Não é um qualquer jornalista, por muito conceituado que ele seja, que com as suas baronias conceptuais próprias põe em causa a minha idoneidade.

**JJ - Sentiu que nem sempre era bem-vindo?**

JNM - Sim, em casos pontuais. Mas a generalidade dos profissionais demonstraram-me, uns de modo mais expresso outros de modo mais recatado, essa solidariedade com o provedor. Manifestaram em muitas circunstâncias a sua concordância e o seu apoio àquilo que eu estava a fazer. Não tenho nada a ideia que seja um proscrito pelos meus colegas de profissão. De maneira nenhuma. Há duas ou três pessoas que não ficaram agradadas pelo facto de eu ter vindo aqui descobrir algumas carecas.

**JJ - Olhando para a sua actividade durante estes dois anos verifica-se que a informação não é o principal tema...**

JNM - Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Esse parece ser um tema de muita preocupação em muita gente. Tive uma reunião final com a ERC [Entidade Reguladora da Comunicação]. Também ali me perguntaram: 'Então e a informação?' Falo com jornalistas seus colegas e pergunto-me: 'Mas então e a informação?'

A Informação não só recebe poucas queixas, como dá a ideia de haver aqui uma paz estabelecida entre os ouvintes e o exercício dos jornalistas da radiodifusão portuguesa.

**JJ - E que interpretação faz disso?**

JNM - Não sei. É porque eles estão a exercer bem o seu trabalho. Pontualmente há algumas queixas.

A ausência de grande mancha de mensagens críticas só revela que é pacífico. Pode revelar que é um jornalismo sem asas? Que é um jornalismo que é feito com pouco dinheiro? Com poucos meios? Recursos humanos? Será. Mas a verdade é que não haverá quem peça muito mais. É pena que não haja um jornalismo mais cosmopolita que além de falar do país pequenino que nós somos, e da pequenina política e da pequena saúde, da pequena justiça de todos os dias e do pequeno futebol ou do grande futebol, não saiba apresentar mais do mundo. Do grande mundo, do vasto mundo. O jornalista também precisa de nos levar a regiões que não conhecemos e de que ouvimos cada vez menos.

**JJ - Tomou uma posição em relação ao programa Antena Aberta que gerou algumas críticas. Não faz sentido um programa destes no serviço público?**

JNM - Mantenho totalmente essa posição. O serviço público não sai do estúdio, é uma insuficiência. Não vai à procura do público, não faz a chamada *vox pop* que é aliás o conceito mais sólido nesta matéria. Isto é, se ouve o ministro que manda fechar uma unidade tem que ouvir a população, mas respeitando a população. Não pode ser à trouxe-mouxe de opiniões do momento em que o homem ou a mulher está a abandonar o hospital que está a fechar, ali na gritaria no meio da rua. A Antena Aberta é um meio caótico do ponto de vista conceptual e do ponto de vista funcional. Todos os meios caóticos são pouco tratáveis em televisão e em rádio. Há um depuramento que se exige dos profissionais e dos jornalistas. Um depuramento estético também. Isto não é abrir o microfone e digam para aí o que quiserem. Situações que são de impulso e de primarismo, de falta de preparação específica. Dizem: 'ah, mas é a voz do povo'. Pois bem, saia-se, mas depure-se, escolha-se aquilo que é dito com genuinidade, que é dito com franqueza e espontaneidade próprias das pessoas que não têm estudos. Não estou a dizer que essas pessoas não tenham que ter acesso, o que elas têm é que ser mais respei-

*"A Antena Aberta é um meio caótico do ponto de vista conceptual e do ponto de vista funcional. Todos os meios caóticos são pouco tratáveis em televisão e em rádio."*

tadas do que abrir-se um microfone e exporem-se aos gritos e exporem-se às insuficiências, sem que o jornalista respeite, porque não tem condições para respeitar. E muitas vezes a insuficiência verbal ou de conhecimento das pessoas são expostos. Não se faz isto. É como se se desfoçasse a fotografia de propósito para que aquilo pareça ridículo. Essas pessoas têm o direito de ser respeitadas. Como é que isto se faz em rádio? Indo à rua trazendo o som, tratando o som devidamente e exibindo-o no quadro de um distanciamento e imparcialidade jornalística.

Portanto, há tantas razões para que isto não seja uma coisa própria da rádio... Depois você não tem a outra *vox pop* profunda. Você o que faz é abrir o microfone e dizer: agora governem-se.

**JJ - Relativamente a esta matéria, acha que o serviço público se deixou contaminar pelas rádios privadas?**

JNM - Evidentemente.

**JJ - E quanto ao futebol, a sua presença em excesso em antena também é outro caso em que o serviço público se deixou contaminar pelas rádios privadas?**

JNM - Essa interpretação não é a minha. É uma interpretação dos ouvintes. Tanto mais que, tendo posto essa mesma questão ao director responsável por essa área, ele diz aquilo que é óbvio. É que havendo naturalmente uma carga superior no tratamento sazonal do futebol, também é verdade que a atitude da radiodifusão portuguesa nesse domínio está a anos-luz daquilo que fazem as privadas. É muito injusto que isto não seja reconhecido. Não há nenhuma privada que hoje faça desafios de hóquei em patins ou relatos de basquetebol, ou vólei. Isso é um trabalho que a RDP faz e faz com consistência. Eu acho que há uma verdadeira insuficiência da radiodifusão portuguesa num único ponto. É uma rádio, em termos de agenda, muito atenta às diversas áreas do desporto, a agenda incide sobre o futebol, porque também o futebol é o desporto mais praticado e mais assistido em Portugal, mas há uma matéria em que a RDP erra e erra clamorosamente.

Eu não percebo que havendo tanto comentador político, tanto comentador para a área económica, tanto comentador para todas as áreas, que haja um único comentador que se pronuncie sobre arbitragem de futebol. E isto é muito questionado pelos ouvintes. Isto é, o senhor Jorge Coroado carrega sobre os ombros um peso excessivo, resta saber se está ou não preparado para ele. Na opinião dos responsáveis que têm essa decisão é que ele tem essa capacidade, na opinião dos ouvintes ele não tem essa capacidade. A minha opinião pessoal como Provedor é que ele não tem essa capacidade. E acho sobretudo injusto que seja ele o único comentador de arbitragem que existe na radiodifusão portuguesa. Devia haver três ou quatro.

**JJ - Em seu entender que características deve ter a programação desse canal tão específico da RDP como é a Antena 2?**

JNM - Não lhe vou dar a minha opinião porque eu não sou programador. Dou-lhe a opinião consistentemente fundamentada por muitos ouvintes. Há um erro interpretativo acerca dos desígnios que são atribuídos pelos ouvintes à Antena 2. Há uma carga tradicional na Antena 2, houve uma evolução de públicos. Eu acho que houve impulsos demasiados quando o novo director tomou conta dos destinos da Antena 2. Há défices grandes na programação da Antena 2 que se prendem, por exemplo, com a divulgação científica, divulgação de experiências de teatro radiofónico, de radioarte. Tudo são coisas desgarradas, não há conceptualização nenhuma a esse nível. O que houve foi a vontade de alterar modelos, paradigmas de programação da própria estação. E com isso o que resulta? Perdeu-se o público. Na tentativa revelada pelos próprios responsáveis em conversas comigo, tentava-se conquistar e regenerar o público. Empurraram-se daqui para fora, com maus modos, os grandes profissionais que sustentaram durante anos a Antena 2. Gente do conhecimento, da cultura, conceptualizadores, criativos e depois há a subida à antena de gente impreparada no próprio

*“Há um erro interpretativo acerca dos desígnios que são atribuídos pelos ouvintes à Antena 2. Há uma carga tradicional na Antena 2, houve uma evolução de públicos. Eu acho que houve impulsos demasiados quando o novo director tomou conta dos destinos da Antena 2.”*

exercício da língua que falamos. Gente completamente impreparada no plano conceptual da rádio, gente sabedora no plano técnico, mas sem capacidades comunicativas, por um lado, ou com modelos comunicativos totalmente desajustados.

**JJ - Portanto, houve uma viragem negativa, no seu entender?**

JNM - Absolutamente. Em relação ao período das manhãs e das tardes, que são o prime-time da rádio. Eu cheguei a ter peritos que consideram que o jornalista, que não está ali como jornalista, mas como animador das manhãs da Antena 2, como um prodigioso erro de *casting*. Dado o tipo de performance que apresenta, lamentavelmente, eu acho que sim. Concordo com esta dura realidade. Trata-se de um erro de *casting* e sobretudo de um erro de arrogância. Há uma arrogância muito grande. Os ouvintes estão em perda. A estação está em perda, não pára de decrescer nos índices audiométricos. Ainda assim, as coisas estão hoje menos graves do que há um semestre, mas ainda assim é pouco, porque deitar abaixo é fácil, fazer crescer novamente os índices de credibilidade que a estação tinha vai ser muito difícil.

**JJ - E no caso da Antena 3, também é preciso repensar o modelo?**

JNM - Bom, isso aí é um caso mais grave.

**JJ - No seu relatório refere que já houve algumas modificações.**

JNM - Sim, eu orgulho-me de ter contribuído de modo muito claro para que eles parassem, pelo menos, para pensar. O problema é que esses movimentos que se produziram não são movimentos propriamente bem aceites pelo público, o que faz sentido, agora tem que haver um período de adaptação a novas propostas, mas elas não resolvem o problema da formação da gente jovem, que é para isso que a rádio foi criada.

**JJ - Mas a que problemas se refere?**

JNM - Formação cívica. Isto é, alguma vez você ouviu falar, por exemplo, sobre fiscalidade? Alguma vez ouviu falar sobre o dia cívico? Alguma vez ouviu questionar a

ida de soldados portugueses, gente de 19 anos, para a Bósnia, para o Afeganistão? Faz sentido um país aflito estar a gastar o dinheiro que está a gastar? Isto é uma coisa que merece ser discutida ou não? Faz parte ou não, deve fazer parte ou não?

Eu não estou a dizer que se fale de educação sexual só por se falar, só para encher tempo, porque isso afastaria os ouvintes. O que é preciso é descobrir fórmulas que sejam suficientemente cativantes, muito sustentáveis numa programação musical muito específica, em que obviamente a nova música popular portuguesa tem que ter um desempenho muito grande, e deixou de o ter também nesse plano. Acabaram com a “Quinta da 3” e não se vê que tenham feito propostas alternativas a isso. A cultura das bandas de garagem deixou de existir, por exemplo, está reduzida a dois ou três espaçozecos. Por toda esta soma de razões, e de outras ainda, a Antena 3 está de mal a pior. Ela está a ser gerida por gente que tem quase 50 anos.

**JJ - É preciso um rejuvenescimento da Antena 3?**

JNM - Do paradigma da Antena 3. O que se espera dessa antena? Que os ouvintes envelheçam com a idade da estação? Ou pelo contrário, que a cada momento se dobre sobre si própria no sentido de conquistar hábitos novos? A intervenção na net e o próprio site da Antena 3 na net é a prova de que é uma rádio desmiolada com alegria bacoca. Pouco credibilizada ou fidelizável. A cultura vai no sentido de um cosmopolitismo, de as pessoas se abrirem a novos horizontes. Quer dizer, não se ouve jazz na Antena 3. Porquê? Não se ouve música do mundo na Antena 3. Porquê? Não se ouve música contemporânea feita pelos criativos que propõem coisas mais esotéricas e que são assimiláveis por gente mais nova. Porquê? Porque é que se tem que sobrecarregar a programação da Antena 2? O ministro Santos Silva tem um texto onde diz uma coisa com a qual não posso estar mais em acordo: O serviço público tem que ser observado na soma das suas partes.

**JJ - No seu relatório final enumera uma série de questões**

*“Acabaram com a “Quinta da 3” e não se vê que tenham feito propostas alternativas a isso. A cultura das bandas de garagem deixou de existir, por exemplo, está reduzida a dois ou três espaçozecos. Por toda esta soma de razões, e de outras ainda, a Antena 3 está de mal a pior. Ela está a ser gerida por gente que tem quase 50 anos.”*

**como o uso da língua, a informação, o desporto. Qual foi o mais complicado de avaliar?**

JNM - O mais difícil de avaliar é sempre o exercício pontual de colegas, de profissionais. E aí o provedor ou é científico ou faz investigação ou então corre o risco de não ser credível. A análise que fiz ao realizador da manhã da Antena 2 [Paulo Alves Guerra] parece-me que foi um trabalho, até de natureza semiótica, muito profundo. Foram muitas horas de trabalho para chegar àquilo que fiz e de que muito me orgulho e que é profundamente castigador porque é de tal forma evidente o que ali está, a soma das opiniões, a soma dos dados, a opinião dos peritos, dos investigadores e, sobretudo, a opinião dos ouvintes. Mas é horrível.

**JJ - Foi o caso mais complicado que teve em mãos?**

JNM - Sem dúvida alguma. Eu tinha sido posto em causa e portanto fui praticamente convidado pelo próprio a esclarecer melhor os pontos de vista que tinha defendido com alguma tranquilidade e que suscitaram uma reacção tão espúria. Sendo certo que se trata de um profissional qualificado, não há muitos com igual nível intelectual, e infelizmente abateu-se sobre ele aquilo que eu não poderia ignorar que era uma mancha constante, permanente, que ainda hoje se mantém, de gente que não gosta de ouvir aquele formato de programação. Se pelo menos os modelos e os arquétipos de realização do programa, as chamadas propostas do programa, fossem alteradas... Mas permaneceram com a mesma surdez e a pessoa sujeita-se a ser examinada desta maneira.

**JJ - Refere no relatório exemplos de alguns programas de excelência. Depois termina esse mesmo parágrafo dizendo que terá havido outros, mas não muitos. Isto significa que há falta de qualidade no universo RDP?**

JNM - A excelência é sempre uma coisa fora do comum. A qualidade média do produto da RDP é superior à maioria das propostas da rádio privada. Eu pergunto: Qual é a qualidade diferencial da RFM, por exemplo? É nula. O

que eles fazem é passar música e algumas graçolas feitas com boa disposição, mas passam música a que os ouvidos dos portugueses estão habituados. Portanto, é fácil conquistar os índices de audiência que eles conquistam. A antena da Renascença, sendo menos eficaz, consagra outro tipo de valências, enfim, outra camisola vestida.

Esta é uma rádio generalista que tem que agradar a católicos, a agnósticos, a ateus, a judeus, a muçulmanos, a pretos, a brancos. É uma rádio generalista. Tem que dar música e notícias, agregar o país. Neste quadro é uma rádio, do meu ponto de vista, muito mais satisfatória do que as brincadeiras de informação que a gente ouve na TSF ou mesmo do que a confusão estética, até, que a gente está a ouvir no Rádio Clube Português. E isso castiga porque hoje se ouve muito menos a TSF do que se ouvia há dez anos e ouve-se, perigosamente pouco, o Rádio Clube Português. Eu penso que quando uns e outros reafinarem os conceitos, designadamente o Rádio Clube Português tem uma margem de crescimento do ponto de vista de novas audiências.

A Antena 2 é uma rádio profundamente indispensável no contexto da rádio em Portugal porque é única, infelizmente, pobre país este. A Antena 3, aí o caso é mais complicado porque há uma miríade de rádios que estão a fazer aquilo que eles estão a fazer. Podem dizer que não, mas aquilo é uma rádio que está a perder justificação a cada dia que passa porque se afastou dos princípios que lhe estão consagrados na lei e no contrato de concessão.

**JJ - E há a questão da perda de identidade. Refere-se, por exemplo, ao facto de nós para consultarmos o site da RDP termos de digitar RTP.**

JNM - Claro. A rádio ficou diluída.

**JJ - E isto é um passo atrás na afirmação da rádio?**

JNM - Mas com certeza, é uma falta de respeito para com a rádio. Isto provoca desequilíbrios internos que não são aceitáveis no quadro de uma empresa. Isto tem a ver

*“Tenho dúvidas de ter sido o provedor de que as pessoas estavam à espera.”*

JOSÉ FRADE





com o parente pobre que eu acho que a rádio é no contexto da Radiotelevisão de Portugal. Tenho a esperança que se tenha iniciado um ciclo novo. A saída dos antigos administradores foi muito oportuna. Eles fizeram, e bem, um trabalho, que é notável de reunião dos meios. Uma coisa é certa, agora esta casa não está dispersa por edifícios pela cidade. Sob esse ponto de vista é mais fácil gerir. Mas isto é um fórum de cultura, é um fórum de verdade e é um fórum de criatividade e se assim é tem que ser gerido como tal. Isto não é uma fábrica de fazer chouriços e as pessoas que aqui trabalham não são salsicheiros.

**JJ - Que herança deixa?**

JNM - Pobre.

**JJ - Acha?**

JNM - Sim, porque eu tenho dúvidas de ter sido o provedor de que as pessoas estavam à espera. O que eu não tenho dúvidas é que fui o provedor que fui capaz de ser. Esforcei-me muito, trabalhei muito. Isto foi muito violento. Não é que eu não tenha tido na vida momentos e fases em que não tenha trabalhado ainda mais, mas eu não imaginava que isto fosse tão violento. Se calhar porque não fui ambicioso aqui na constituição... nós éramos dois, eu e o jornalista Viriato Teles que foi um inestimável colaborador, confidente, sólido colaborante. Foi um alter-ego que me ajudou imenso no terreno do jornalismo. Ele é um jornalista e um jornalista com mérito. Ajudou-me a pensar e a resolver. Na pessoa do Viriato eu tive aquilo que a gente gosta de ter quando se está numa profissão como esta, a comunicação; para além de ter tido um profissional, eu tive um amigo.

Uma coisa que agradeço ao anterior Conselho de Administração e ao Conselho de Opinião foi terem-me dado o ensejo de eu ter podido pensar sobre a minha profissão e de ter podido estudar.

**JJ - Mas não deixa jurisprudência, digamos assim. Tem dito que há poucas coisas escritas sobre rádio...**

JNM - Não tenho essa pretensão. Isso agora, as universidades, os estudiosos e os investigadores é que irão ver, da análise do relatório, o que é que daqui se aproveita. Isto representa um esforço muito sério de um profissional, mas como eu não sou um académico não tenho essa pretensão de estar aqui a fazer doutrina. Eu acho que isso se vai enriquecer à medida que vão chegar outros provedores. Nos próximos quatro anos vamos ter um provedor, esse sim, uma referência do jornalismo.

**JJ - Precisamente, que opinião tem do próximo [entretanto já empossado] provedor, Adelino Gomes?**

JNM - Não podia ter sido melhor escolhido. Eu sou talvez um dos mais antigos amigos pessoais do Adelino Gomes, faço essa declaração de interesses. O que é absurdo é que ele venha depois de mim. Devia ser ao contrário, mas não se proporcionou. Eu orgulho-me muito do que fiz, mas tenho a certeza que a função que ajudei a criar será certamente muito mais enriquecida com o Adelino ou com outros grandes profissionais ou académicos. Não é um provedor, e muito menos eu, que ao fim de um exercício deixa modelos estáveis de funcionamento. Eu não tenho verdades absolutas, porventura cometi erros, apresento algumas insuficiências, o que dei foi tudo de mim como sempre dou. Ainda por cima vendo coroado este meu esforço pessoal com a entrega do espólio ao meu amigo e à pessoa que na minha profissão é uma das pessoas que eu mais admiro. Muitas vezes eu telefonei ao Adelino, 'é pá, vamos conversar. Ajuda-me'.

**JJ - Já houve esse aconselhamento junto de Adelino Gomes. E agora dava-lhe algum conselho a ele?**

JNM - Não, não sou capaz. Estou totalmente disponível, como é óbvio. O que ele precisará é, quanto muito, que eu lhe diga coisas práticas. Ele ficará aqui com a ajuda do Viriato e isso vai muito a favor da rádio. E sobretudo vai muito a favor dos profissionais, mas também vai a favor dos ouvintes. ■